

"Folha de São Paulo" - 4 de setembro de 1971.

Os crimes gratuitos na arte e fora dela

NOGUEIRA MOUTINHO

Em San Juan de Porto Rico, aos 66 anos de idade, morreu a semana passada o esquecido personagem de um dos famosos casos judiciais da primeira metade do século: Nathan Leopold. Em 1924, aos 19 anos, filho de uma família norte-americana riquíssima,

— o pai era nada menos do que vice-presidente da cadeia "Sears Roebuck" — Leopold, auxiliado por outro rapazinho, Richard Loeb, mata a sangue frio um colega de 14 anos, Robert Franck. A antiga criança precoce que falava onze idiomas, transformado em assassino com altíssimo grau de periculosidade, declarou à justiça dos Estados Unidos no transcurso do processo que levou três meses, haver tramado o crime com o objetivo de testar-se psicologicamente através de uma "experiência emocional". Os Estados Unidos atravessavam um período particularmente grave de violências. Defendido por um dos maiores criminalistas da época, o advogado Clarence Darron, o rapaz conseguiu escapar da cadeira elétrica pela tangente da prisão perpétua. Após cumprir 33 anos de pena, foi libertado em 1958, emigrando então para Porto Rico, onde se formou em Medicina. Ofereceu-se como técnico de laboratório num hospital de missionários e, procurando expiar a culpa, ofereceu por diversas vezes seu organismo para experiências médicas "in anima nobile". Casou-se em 1961 e agora desaparece vitimado por uma síncope cardíaca.

O caso, indiscutivelmente poderia servir de tema a um romance. Todavia, uma vez se verifica experimentalmente o postulado de Oscar Wilde, segundo o qual "a vida imita a arte". O romance, ou antes, os romances em torno do "ato gratuito", do crime pelo crime, existem. Foram escritos por Dostoiévski e por André Gide. Chamam-se "Crime e Castigo" e "Os Subterrâneos do Vaticano".

Na novela russa, o herói, Raskolnikov, matador de uma velha usuraria e, por um desagradável acaso, da irmã desta, parece um prodígio de fria racionalidade no planejamento e no cumprimento dos atos dolorosos. É pobre e jovem, a usuraria é velha e nociva à sociedade. Matando-a e apossando-se de sua fortuna, restabelecerá um equilíbrio violentado, restituirá higiene a uma parte da estrutura social, pois, de posse do dinheiro imobilizado pela usura, prosseguirá os estudos na Universidade, assegurará uma velhice tranquila à mãe, livrará a irmã de um odioso casamento de interesse. Seu modelo, aliás o modelo constante do herói romântico em Balzac e em Stendhal, é Napoleão. O jovem vislumbra nele uma prova histórica de sua teoria sobre os "eleitos": a ascensão de Bonaparte começa no dia em que, para defender a constituição, o futuro imperador faz metralhar, sem hesitações, uma multidão desarmada. Toda escusa do crime se ergue assim esteada por uma lógica inabalável, construída graças às mais justas intenções, sobretudo à faculdade que pertence aos espíritos superiores e independentes de toda moral convencional, a de promover grandes empresas.

Tal superioridade, colocando-os acima do comum dos mortais, permite aos "eleitos" dispor da vida humana e sacrificar os nocivos, os incapazes a fins mais elevados. Esse ideal humanitário e essa auto-concepção de superioridade, de franquia dos deveres, podem parecer contraditórias e de fato o são em altíssimo grau. Sabemos nós, hoje, homens posteriores a Dachau, Buchenwald, Hiroshima, o quanto esse conflito dialético foi capaz de obnubilar a consciência do Ocidente. Uma simples leitura facciosa de Nietzsche resultou nas "teorias" raciais do III Reich e nos mitos do super-homem hitleriano. Raskolnikov prepara o seu "ato gratuito" com um sangue frio alucinado, não vai eliminar um ser humano, de resto abjeto, mas vai salvar a sociedade de um aleijão, de um monstro, de uma excrescência danosa. "Crime e Castigo", porém, não é um romance de perdição, um livro diabólico. Ao contrário, Dostoiévski quer mostrar que das profundezas tenebrosas do pecado e do crime pode brotar a luz que resgata o pecador e o criminoso, desde que este se submeta a uma autêntica contrição. Como toda a sua obra, estamos aqui diante de um livro profundamente cristão, impregnado da ortodoxia telúrica da Santa Rússia, que via no Cristo um russo, um irmão.



DOSTOIEVSKI — Só a Sibéria resgata o crime gratuito.



GIDE — Superada a estética do "ato gratuito"

Raskolnikov, extenuado pelo esforço do crime, deixa o apartamento da velha com uma miserável soma. Desde esse momento, em suas infundáveis caminhadas através de São Petersburgo, sente no fundo da consciência que perdeu a partida. O dinheiro roubado não será suficiente à realização de seus planos, a seu ideal de justiça distributiva. Além disso, os nervos abalados o advertem de que está longe de haver conseguido a independência moral que sempre considerou como virtude essencial dos espíritos de elite.

A turva ideologia do estudante somente aos poucos se deixará clarificar ao longo do romance, cuja estrutura, já se assinalou exhaustivamente, é a de uma maravilhosa novela policial, conduzida por um gênio. O juiz instrutor, Porfírio Petrovitch, adivinhando o segredo do crime, e percebendo em Raskolnikov um ser privilegiado, manipulará todas as circunstâncias de forma a leva-lo a se denunciar. O jovem encontrara em Sonia Marmeladova, a que se deixou prostituir por amor, a própria encarnação da graça e ela o acompanhará à pena na Sibéria, onde o antigo assassino acaba de libertando de seus fantasmas através de uma compreensão profunda do Evangelho.

O LAFCADIO DE GIDE

Raskolnikov redime-se pelo sofrimento e pela abnegação, como parece ser o caso de Nathan Leopold, que passa anos a fio enfiado numa enfermaria de doentes incuráveis. Já o caso de Lafcadio Wluiki, rumeno, 19 anos, herói do "ato gratuito" gideano nos "Subterrâneos do Vaticano", parece antes patológico. Predestinado pelo nascimento bastardo e pela educação desordenada a acolher toda ideia de rebelião, Lafcadio constrói para si mesmo uma mística perigosa do "ato gratuito". Essa impulsão, contraditória, é capaz de leva-lo a um gesto de heroísmo, através do qual conhece a jovem Genoveva de Baraglioul, como é suficiente a impeli-lo a abandonar-se indiferentemente à tentação do crime. Em consequência de complicada trama da novela, Lafcadio encontra-se numa viagem de trem Nápoles-Roma, ao lado de um parente, o ingenuo Amedée Fleurissoire. Este, seduzido pelo boato de que o Papa se encontra detido pela maçonaria nos subterrâneos do Vaticano, enquanto um sosia governa a Igreja em seu lugar, decide ir a Roma, como um cruzado, socorrer o sumo pontífice. No transcurso da fatídica viagem noturna, Lafcadio, sem motivo algum, o assassina, atirando-o pela porta do vagão num momento em que o trem corre a toda velocidade.

Seu ato foi testemunhado por um personagem verdadeiramente diabólico, o misterioso Protos, que desencadeia contra ele um processo de chantagem. Protos, porém, autor da morte de Carola, fôra por esta denunciado como sendo o assassino de Amedée, e se encontra preso: Lafcadio, com a consciência delacerada pela série de desastres que seu simples "jogo" acarretara, tomba numa irremediável incapacidade de optar pelo remorso, o medo e a vergonha de se acusar, a repugnância de deixar o amigo na prisão, a Fé que lhe é apontada como única saída, e o amor, a piedade e a angústia que lhe são oferecidos por Genoveva de Baraglioul: personagem de tragédia grega nas malhas da irresolução, vagando na Paris de 1914. Em que medida a leitura de Nietzsche terá inspirado a Gide a criação da personagem? Em que medida Dostoiévski o terá ajudado? Evidentemente a "estética" do "ato gratuito" gideano não é mais atual. O herói de ficção de nosso tempo sabe excessivamente o quanto suas ações produzem consequências e sabe também que as alternativas que se lhe abrem levam ao cinismo, ao nihilismo. É o caso de Horácio Oliveira, o fascinante e ao mesmo tempo repugnante personagem de Julio Cortázar em "Rayuela". Falta-lhe excessivamente o sentido cristológico e evangélico de Raskolnikov, como lhe faltam a inconsequência gratuita, os ideais sumários "belle époque", de Lafcadio. Horácio Oliveira é uma consciência monstruosamente lúcida que conhece seus poderes dissolventes e joga com eles num espaço em que só há seres em decadência. O encontro com Morelli talvez seja uma solução, mas se trata de uma solução estética, não ética.

Estamos já agora muito distantes do assassínio de um adolescente por outro adolescente, "gratuitamente", nos Estados Unidos da década de 20. "Um crime se cobre por outro crime" afirma Seneca, o estoico em uma das peças de seu teatro. Há quem o desminta, não só na literatura como na vida: Raskolnikov, Nathan Leopold...